

**JUCA PATO E OUTROS TROFÉUS**

Não sei qual o troféu Temer, tucanos e camarilha merecem depois do caos que produziram após o golpe de 2016, mas sempre me atraíram os nomes e o design dos troféus de cinema, literatura e futebol (esses quase sempre cafonérrimos, acho que a cobiçada “taça das bolinhas” é a mais moderna delas). O Oscar é um caso à parte, com aquele careca dourado segurando uma espada ou coisa parecida sobre um rolo de filme. Diz a lenda que o Oscar foi chamado assim porque se parecia com um tio da responsável pela biblioteca da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood e os funcionários apelidaram o troféu assim. Pegou. Criado em 1927, somente nos anos 30 é que Hollywood sacou a importância de ter uma premiação forte para divulgar seus produtos. Após a II Guerra Mundial, o careca halterofilista de Los Angeles passou a ser de bronze banhado a ouro, medindo 33 centímetros de altura com 3,85 quilos, mais pesado que meu neto Estevão ao nascer. O Brasil nunca recebeu um Oscar de melhor filme.

Já o Urso do Berlinale, principal prêmio do cinema alemão, tem a ver com o símbolo de Berlim, cidade com quase 800 anos de existência. O Festival, realizado sempre em fevereiro, é um dos mais importantes da Europa e do mundo, iniciado em 1951 por iniciativa dos norte-americanos por conta da Guerra Fria, quando ocupavam parte da cidade após a II Guerra Mundial. O Urso de Ouro e de Prata é cobiçado por cineastas do mundo todo. O Brasil ganhou seu primeiro troféu em 1998, com *“Central do Brasil”*, de Walter Salles e Fernanda Montenegro também recebeu o prêmio de melhor atriz.

A Palma do Festival de Cannes, o mais tradicional prêmio do cinema francês (criado em 1946), é realizado no charmoso balneário. O *“Pagador de Promessas”* é o único filme brasileiro a conquistar a Palma de Ouro do Festival, em 1962, um drama escrito e dirigido por Anselmo Duarte e baseado na peça teatral homônima de Dias Gomes.

No Brasil, sempre me interessei em ler os vencedores do prêmio literário “Juca Pato”, concedido anualmente pela União Brasileira de Escritores (UBE). A escolha do “Juca Pato” homenageia criatura e criador, o caricaturista Benedito Bastos Barreto, conhecido como Belmonte (falecido em 1947) e que por 30 anos foi considerado o rei da caricatura e da charge política em São Paulo. Foi em 1925 que Belmonte criou seu personagem mais famoso, e cujo nome, em pouco tempo, passou a ser usado para marcas de produtos, virando até samba. Um dos biógrafos de Belmonte diz que “Juca Pato” era “o símbolo do povo que aguenta todos os repuxos de cara alegre”.

Visitando Florianópolis, perto do hotel onde fiquei havia uma pizzaria bastante tradicional: o “Juca Pato”. Fomos jantar lá uma noite. Fomos atendidos por um jovem musculoso e gentil. Não resisti à curiosidade e perguntei a razão do nome da pizzaria. “Ah, é um velho careca, acho que era o dono da pizzaria antes, aposentou e vive em Pedra Branca, aqui perto de Floripa”. Se Greta Garbo acabou no Irajá, quem diria, Juca Pato acabou em Pedra Branca, junto com os patos da FIESP.

Mauro Ferreira é arquiteto

